



Atividade: Comunicação Oral

POR QUE TENHO QUE MUDAR? : ESTUDO DE CASO EM TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO (TCR)

AMANDA SABATIN NUNES DA SILVA

TATIANA LANCE DUARTE

ITCR - Campinas

Jéssica (17), ensino médio incompleto, foi encaminhada à psicoterapia pela avó paterna, Vera (51), que também se submetia à psicoterapia. A cliente morava com os avós, com um tio (27) e uma filha adotiva da avó (32). A avó era pastora de igreja e dona de casa e o avô era militar e pastor. O pai de Jéssica faleceu quando a cliente tinha quatro anos e a mãe biológica havia perdido a guarda da filha para os avós paternos em consequência de constantes agressões físicas e verbais em relação à filha. Jéssica chegou para a psicoterapia como uma condição imposta pela avó que dizia que a neta apresentava dificuldades de relacionamento com todas as pessoas da casa, e também com o namorado. Na primeira sessão a cliente relatou: “Então, na verdade, minha vó, disse que eu tenho que fazer para melhorar, eu não sei o que tanto está atrapalhando ela, deve ser meu jeito, meu comportamento.” No processo psicoterapêutico, a partir das verbalizações e descrições de Jéssica, foi possível identificar: déficits na emissão de atos sob controle dos estímulos do ambiente e dos próprios estados corporais; baixa sensibilidade ao outro; baixo engajamento social; déficit nos comportamentos de seguimento de regras; baixa tolerância à frustração; e pouco repertório de autocuidado. A cliente, além disso, emitia muitos comportamentos de fuga-esquiva e não demonstrava discriminação de seus déficits comportamentais. A partir da História de Contingências de Reforçamento (CR) de Jéssica, ficou clara a inexistência de modelos adequados e contingentes ao seu desenvolvimento pessoal, vivenciando, predominantemente, contingências coercitivas e com ausência de consequências reforçadoras diante de comportamentos adequados emitidos. Na convivência com a avó, pessoa autoritária, rígida e controladora, mas também que reforçava de forma não contingente os comportamentos de Jéssica, não foram manejadas Contingências de Reforçamento que produzissem o desenvolvimento de comportamentos e sentimentos de autoestima, autoconfiança, responsabilidade e de cumprimento de regras. Os objetivos do processo psicoterapêutico incluíram: 1. estabelecer vínculo psicoterapêutico; 2. descrever os comportamentos emitidos pela cliente

e as funções que tinham para os avós e namorado; 3. identificar sentimentos existentes nas interações com os avós, tios, mãe e namorado; 4. tornar a cliente sensível aos efeitos aversivos que seus comportamentos produziam, principalmente sobre a avó; 5. instalar repertório de comportamentos com possível função reforçadora para os outros; 6. instalar repertório de auto-observação e autocuidado e 7. instalar repertório de fuga-esquiva desejado para as exigências exageradas advindas da avó. Alguns dos procedimentos utilizados no processo psicoterapêutico foram: *fading in*; Reforçamento Positivo Diferencial; modelagem; modelação seguida de instrução; uso de dinâmicas e também realização de sessão com a avó. Durante o processo psicoterapêutico, ficou claro o baixo engajamento da cliente diante das propostas psicoterapêuticas e os constantes comportamentos de manipulação emitidos por Jéssica em sessões. O conflito com a avó aumentava dia-a-dia e inevitavelmente, a cliente, após uma grave conflito com a avó, decidiu voltar a morar com a mãe biológica e abandonou a psicoterapia.

Palavras-chave: Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR); Fuga-esquiva; Sensibilidade ao outro; Autoconhecimento.